



# História: Diálogos Contemporâneos 3

Ana Paula Dutra Bôscaro  
(Organizadora)



# História: Diálogos Contemporâneos 3

Ana Paula Dutra Bôscaro  
(Organizadora)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Karine de Lima

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

H673 História [recurso eletrônico] : diálogos contemporâneos 3 /  
Organizadora Ana Paula Dutra Bôscarro. – Ponta Grossa, PR:  
Atena, 2020.

Formato: PDF  
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
 Modo de acesso: World Wide Web  
 Inclui bibliografia  
 ISBN 978-65-86002-39-3  
 DOI 10.22533/at.ed.393201002

1. História – Pesquisa – Brasil. I. Bôscarro, Ana Paula Dutra.  
 CDD 900.7

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Por intermédio de diversos trabalhos acadêmicos, o livro *História: Diálogos Contemporâneos* apresenta-se como um importante espaço de intercâmbio cultural e científico. Ao articular as relações que se estabeleceram no passado e que continuam vigentes no presente, o livro abarca assuntos relevantes e que dialogam com diferentes áreas do conhecimento, propiciando discussões em entorno de questões políticas, sociais e culturais.

De modo cada vez mais sistemático, a historiografia tem se empenhado em desenvolver novas possibilidades investigativas. Os autores aqui reunidos, pautados em fontes documentais inéditas e/ou pouco exploradas, colaboram com o processo de construção do conhecimento histórico. Seus trabalhos, resultados de pesquisas originais, dialogam entre si e se completam. Daí a importância de um livro composto por obras que versam sobre diferentes assuntos.

No livro estão reunidas análises que dissertam sobre o uso da literatura e da narrativa nos estudos históricos; Trabalhos que refletem sobre o papel do ensino no contexto atual e sobre os diversos embates enfrentados por seus profissionais nos espaços escolares e nas universidades; Debates sobre questões relativas ao passado escravocrata e suas permanências nas relações sociais; Migrações forçadas no contexto atual, dentre outros temas que promovem um frutífero diálogo entre passado e presente.

Em síntese, a obra nos ajuda a compreender de que modo as marcas do passado se manifestam em nossa experiência atual. Desta feita, esperamos que a leitura dos capítulos que por ora se apresentam possam ampliar os conhecimentos e instigar novas pesquisas históricas. A todos, o desejo de uma excelente leitura!

Ana Paula Dutra Bôscaro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
RELATOS MEMORIAIS E RELATOS TESTEMUNHOS: O EXEMPLO DE ANTÔNIO PIGAFETTA (1491-1534)	
Michel Kobelinski	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3932010021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
MARIA GRAHAM: A POLISSÊMICA NARRATIVA DA ESCRITORA INGLESA, SOBRE OS BRASIS DAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO OITOCENTOS	
Denise Maria Couto Gomes Porto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3932010022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
CAPITALISMO, COMUNISMO E A HISTÓRIA DO FUTURO: APONTAMENTOS DE PESQUISA SOBRE “A MÁQUINA DO TEMPO” DE H. G. WELLS (1895)	
Pedro Nogueira da Gama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3932010023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
MANOEL BOMFIM E MANUEL DE OLIVEIRA LIMA: A AMÉRICA LATINA SOB DIFERENTES PARADIGMAS RACIALISTAS	
José Geraldo Dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3932010024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>54</b>
ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE IDENTIDADE NARRATIVA EM PAUL RICOEUR	
Janessa Pagnussat	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3932010025</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>65</b>
AS INFLUÊNCIAS DO PENSAMENTO POLÍTICO DE ROUSSEAU NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988	
Heloíse Montagner Coelho	
Thieser da Silva Farias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3932010026</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS, MONOPARENTALIDADE E O FENÔMENO ALIENAÇÃO PARENTAL: A CRÍTICA DA TEORIA SISTÊMICA À PERSPECTIVA DE RICHARD GARDNER	
Ronaldo da Costa Formiga	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3932010027</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>90</b>
ESCRITAS DE SI: A PRODUÇÃO TEXTUAL NARRATIVA DESENVOLVIDA SOB UMA PERSPECTIVA SOCIAL E IDENTITÁRIA	
Tuany Maria Rodrigues Gonçalves Cianelli	
Bruna Sieiro Borges	
Fernanda Iglesias Webering	

Cláudia Cristina Mendes Giesel  
Flávia Maria Farias Baptista da Cunha  
**DOI 10.22533/at.ed.3932010028**

**CAPÍTULO 9 ..... 101**

UMA BASE CURRICULAR PARA TEMPOS NEOLIBERAIS

Gustavo de Faria Lopes  
José Elias Domingos Costa Marques  
Renato Gomes Vieira

**DOI 10.22533/at.ed.3932010029**

**CAPÍTULO 10 ..... 112**

A UTILIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE PEQUENOS VÍDEOS COM O INTUITO DE PROMOVER O DEBATE RELACIONADO À TEMAS RELEVANTES ÀS QUESTÕES ÉTNICOS-RACIAIS E O PATRIMÔNIO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO

Aline Kelly da Silva Faria  
Madalena da Silva Faria

**DOI 10.22533/at.ed.39320100210**

**CAPÍTULO 11 ..... 118**

DESCONSTRUÍNDO ESTEREÓTIPOS SOBRE A ESCRAVIZAÇÃO NO BRASIL: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

Lucas Cardoso de Moura

**DOI 10.22533/at.ed.39320100211**

**CAPÍTULO 12 ..... 126**

DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE A UNIVERSIDADE: UM ESTUDO HISTÓRICO

Oscar Edgardo N. Escobar

**DOI 10.22533/at.ed.39320100212**

**CAPÍTULO 13 ..... 139**

HISTÓRIAS DA PSIQUIATRIA NO BRASIL E AS INTERDIÇÕES AO USO DE ÁLCOOL E DROGAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Ana Maria Cardachevski

**DOI 10.22533/at.ed.39320100213**

**CAPÍTULO 14 ..... 153**

A EXTREMA-DIREITA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: O CASO DO MOVIMENTO MÍDIA SEM MÁSCARA E O USO IDEOLÓGICO DAS FONTES

Natalia dos Reis Cruz

**DOI 10.22533/at.ed.39320100214**

**CAPÍTULO 15 ..... 162**

MORRER NEGRO EM JACUTINGA: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS FUNEBRES DOS AFRICANOS E AFRODESCENDENTES DA FREGUESIA DE SANTO ANTONIO DE JACUTINGA

Ana Francisca Vasconcelos da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.39320100215**

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>170</b>
DA RODA DOS EXPOSTOS AO MERCADO DE TRABALHO	
<a href="#">Claudia Alves d`Almeida</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.39320100216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>179</b>
A DINÂMICA ENTRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA JUSTIÇA COLONIAL DO NORTE DE MOÇAMBIQUE (1930)	
<a href="#">Inajá Reis Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.39320100217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>191</b>
ENTRE SEMENTES E FRUTOS: DOM JOÃO DA MATA ANDRADE E A ROMANIZAÇÃO EM MANAUS (1941-1948)	
<a href="#">Elisângela Maciel</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.39320100218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>202</b>
MIGRAÇÕES, DESLOCAMENTOS FORÇADOS E QUESTÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA COMUNIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA AUSTRAL (SADC)	
<a href="#">Tatiane Sant'Ana Coelho Reis</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.39320100219</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>212</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>213</b>

# MARIA GRAHAM: A POLISSÊMICA NARRATIVA DA ESCRITORA INGLESA, SOBRE OS BRASIS DAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO OITOCENTOS

Data de submissão: 26/11/2019

Data de aceite: 04/03/2020

**Denise Maria Couto Gomes Porto**

Mestre em História pelo PPGH- Universidade  
Salgado de Oliveira  
Niterói- RJ

<http://lattes.cnpq.br/2286396351778012>

**RESUMO:** A narrativa plural da escritora inglesa Maria Graham (1785-1842), manifesta nas sensíveis textualidades das fontes *Diário de uma Viagem ao Brasil* (1990), e *Escorço Biográfico de Dom Pedro I* (1997), é investigada nesse artigo, compreendendo o recorte temporal entre os anos de 1821 a 1825. Como ativa observadora social, tanto quanto, protagonista em importantes diálogos diplomáticos, a exemplo de sua participação na Confederação do Equador, pressupomos que a autora construiu a escrita, consciente da importância histórica das turbulências políticas e sociais vivenciadas por ela naqueles dias. A partir desta premissa, inferimos que isso forjaria a originalidade de uma narrativa genuinamente autoral. Evidenciamos, para tanto, que durante o ato de construção da escrita, a autora teceu interpretações próprias sobre as realidades observadas, mesclando continuamente as peculiaridades nativas, aos seus referenciais

culturais europeus. Quando chegou à América Portuguesa, aos 36 anos, Mrs. Graham já era famosa na Inglaterra por ser autora de quatro livros publicados nos gêneros de Literatura de Viagem e de Memória, além de notável pintora. Entendemos, que a relevância deste estudo dar-se-á por sua pertinência no campo das abordagens investigativas e interpretativas da historiografia contemporânea, acerca da contribuição das mulheres viajantes nos diversos processos de transferências de mentalidades e das práticas socioculturais no século XIX.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maria Graham; Escritora; Viajante; Mulher; Brasil.

**MARIA GRAHAM: THE POLYSEMIC NARRATIVE OF THE ENGLISH WRITER, ABOUT THE BRAZILS OF THE FIRST DECADES OF THE EIGHTIES**

**ABSTRACT:** The plural narrative of the English writer Maria Graham (1785-1842), manifested in the sensitive textualities of the sources *Journal of a Voyage to Brazil* (1990), and *Dom Pedro I Biographical Foreshortening* (1997), is investigated in this article, comprising the timeframe between 1821 and 1825. As an active social observer, as well as a protagonist in several important diplomatic dialogues, such as her participation in the Confederação of Ecuador, we assume that the author built writing,

aware of the historical importance of political turmoil and experienced by her in those days. From this premise, we infer that this would forge the originality of a genuinely authorial narrative. Thus, during the construction of writing, the author made her own interpretations of the observed realities, continually mixing the native peculiarities with their European cultural references. When she arrived in Portuguese America at the age of 36, Mrs. Graham was already famous in England for being the author of four books published in the Travel and Memory Literature genres, as well as a noted painter. We understand that, the relevance of this study, will be due to the relevance in the field of investigative and interpretative approaches of contemporary historiography, about the contribution of female travelers, in the various processes of mentality transfer and sociocultural practices in the nineteenth century.

**KEYWORDS:** Maria Graham; Writer: Traveler; woman; Brazil.

## 1 | INTRODUÇÃO

Na Europa, o século XIX foi marcado por grandes transformações sociais, culturais e econômicas,<sup>1</sup> em parte possibilitadas pelas conquistas científicas advindas do Século das Luzes. Era um tempo em que o mundo se espalhava por novos continentes para além dos horizontes marítimos conhecidos. Os reinos europeus enviavam expedições científicas e acadêmicas às Américas, ávidos por protagonizar a vanguarda nas descobertas por recursos minerais, botânicos e animais, que lhes consolidassem um lugar no pódio político das potências comerciais<sup>2</sup> e culturais. Desde então, viajantes homens e mulheres, tornaram-se importantes atores históricos. Desenharam e escreveram sobre seus testemunhos e descobertas no novo mundo tropical, legando aos futuros historiadores e pesquisadores das terras visitadas, valiosos acervos documentais, para que estrangeiros conhecessem o Brasil. Seus relatos, muitos deles em forma de diários e registros iconográficos, transformaram-se em fontes documentais preciosas pelo detalhamento e riqueza das informações neles contidas.

Ajudando-nos a entender a lógica da mentalidade social daquele momento, tais documentos fundamentam as pesquisas sobre as transferências culturais estabelecidas, ocasionadas em grande medida, pelas práticas do cientificismo

1 Segundo René Rémond, “As transformações mais visíveis, talvez também as mais decisivas, que afetam o século XIX, suas estruturas e seus ritmos, decorrem da economia, e estão ligadas à revolução industrial, à floração de invenções que, de repente, aumentam o poder do homem sobre a matéria, às maquinarias e à sua aplicação na produção. Essa revolução técnica suscita novas formas de atividade profissional, modifica as condições de trabalho, dá origem [...] a novos tipos sociais”. (RÉMOND, 1974, p.53)

2 Mirian Moreira Leite informa que “É possível estabelecer uma correlação entre o número de viajantes provenientes das diversas procedências e o predomínio industrial desses locais de origem, no comércio internacional[...]Na esfera dos viajantes, essas tendências se refletiram no número de oficiais da marinha, diplomatas, cientistas, missionários e comerciantes[...]O número de viajantes ingleses foi maior, seguido pelos franceses, americanos e os de língua alemã[...]Embora em número mais reduzido, houve russos, dinamarqueses, suecos, belgas e italianos, procedentes de economias em expansão, através do comércio e da abertura de um novo conhecimento do globo”. (LEITE, 1993, p.28.)

Iluminista e do liberalismo econômico, que vieram na bagagem cultural do enorme contingente de estrangeiros, naquelas primeiras décadas do oitocentos, sobretudo de ingleses. (LEITE, 1993, p.28).

Deste universo predominantemente masculino, onde poucas mulheres estão representadas, privilegiamos dar voz a escritora e pintora inglesa Maria Graham (1785-1842), que esteve no Brasil de setembro de 1821 a outubro de 1825. Como testemunha ocular dos fatos narrados durante suas três estadas no Brasil, a saber, nos anos de 1821, 1823 e 1824, respectivamente, Maria Graham legou-nos vasta documentação textual e iconográfica, onde estão registrados importantes aspectos relativos aos cenários políticos, sociais, paisagísticos e botânicos do Brasil, nas primeiras décadas do século XIX. Seus depoimentos, tornaram-se importantes fontes primárias, para a compreensão da história social e cultural, daqueles turbulentos anos decorridos do processo de Independência do Império do Brasil.

A escritora avistou pela primeira vez as terras brasileiras em 1821, à altura da costa de Pernambuco. Como esposa do Capitão do navio, ela viera na tripulação tendo a função de ser a professora dos jovens Guarda-Marinha, candidatos a futuros oficiais ingleses, que realizavam uma longa viagem de instrução rumo à América do Sul, cujo destino final, seria a cidade de Valparaíso no Chile.

Ao longo da leitura das fontes *Diário de Uma Viagem ao Brasil* (1990) e *Esborço Biográfico de D. Pedro I*, (1997) evidenciamos o pioneirismo feminino da autora, pela dimensão que a análise sobre certas questões pertinentes às contendas revolucionárias em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, entre os anos de 1821 a 1824, ocupou em sua escrita. Maria Graham testemunhou pessoalmente algumas das principais revoltas dos tumultuados anos da consolidação da Independência do Brasil, tais como a Insurreição Constitucionalista Pernambucana de 1821 e, dois anos depois, em 1824, a Confederação do Equador. Nessas duas revoltas, cujas distintas motivações e especificidades, tornaram-nas extremamente críticas para a manutenção da autoridade centralizadora do governo Imperial, a escritora mediou como porta voz oficial, algumas das tratativas conciliadoras entre chefes rebeldes pernambucanos, e o governo imperial de D. Pedro I.

Seus depoimentos relativos às duas sobreditas rebeliões, no que tangem tanto às reivindicações dos insurgentes, quanto as reações repressoras por parte do governo do Rio de Janeiro, são hoje valiosas fontes primárias, para a compreensão da história daqueles turbulentos anos, decorridos do processo de Independência do Brasil.

Ainda que envolta numa densa atmosfera revolucionária, Maria Graham descreveu o conflituoso cenário político brasileiro, contrapondo-o, contudo, a uma interpretação crítica e sensível do contexto social, do novo império em ascensão. Logo no Prefácio do seu *Diário* (1990), Maria Graham ao declarar sua profissão de fé como escritora, evidenciou a expectativa que nutria quanto à relevância de seus escritos para os estudiosos da nossa História:

Não é com pequena ansiedade que este Diário é lançado ao mundo. Espero que desperte interesse pelo país, tornando-o mais bem conhecido. Talvez tenha a autora sobre-estimado sua capacidade, ao tentar fixar o curso de um acontecimento tão importante como a emancipação de tamanho império do domínio da mãe-pátria. [...]. Irrompeu então a luta, parte da qual teve a autora oportunidade de testemunhar e a respeito da qual pôde colidir com alguns dados, que poderão servir no futuro como fontes para a História. Confia ela em que, se toda a verdade não for encontrada em suas páginas, não haverá *ali senão a verdade*. (GRAHAM, 1990, p.20-21)

## 2 | ALGUNS ASPECTOS RELEVANTES SOBRE A BIOGRAFIA DE MARIA GRAHAM

Nascida em 19 de junho de 1785 em Papcastle, Inglaterra, Maria Graham que desde jovem, revelou acentuado gosto por debates acerca de assuntos pertinentes ao mundo masculino, mormente aos da política, ciências botânicas e sobretudo, aos da literatura de viagem, destacou-se por ser uma representante da modernidade feminina de sua época. Sobre alguns aspectos relevantes da biografia da inglesa Maria Graham, segundo Lacombe (1997, p-11), destacaremos sua identificação com os ideais do liberalismo, tendo ela vivido o momento em que a Inglaterra buscava a hegemonia política e de mercados na América do Sul.

Desde criança revelou Maria Graham inteligência, muita aplicação nos estudos e acentuado interesse pelas narrativas de viagem, informa um de seus biógrafos. Com tais disposições de espírito, recebeu excelente instrução, consolidada pela convivência que mantinha com literatos e artistas, como Rogers, Thomas Campbel, Lawrence e outros, que frequentavam como hóspedes a residência de seu tio Sir David Dundas, em Richmond. [...] de forma diferente da maioria das mulheres de sua época, pode estudar literatura inglesa e do resto da Europa, arte, desenho, filosofia e história natural. [...] esses conhecimentos influenciaram profundamente o olhar de Maria Graham em suas viagens e são muito visíveis em seus escritos. [...] desde muito jovem, participava de conversas e debates sobre os problemas sociais e políticos, algo que se tornava mais frequente para as mulheres, na medida em que estavam ocorrendo transformações profundas na Europa e na América. [...] Maria Graham foi uma adepta das ideias do liberalismo político e econômico, que na sua época eram identificadas como o progresso. (LACOMBE, 1997, p.11)

Em sintonia com a vanguarda intelectual de seu tempo, a inglesa Maria Graham, quando chegou ao Brasil em 1821 com 36 anos, já havia publicado na Inglaterra três Diários de Viagem, além de um livro de memórias. Esta bibliografia ricamente ilustrada com gravuras e aquarelas de sua autoria, foi concebida durante as suas visitas ao continente indiano, nos anos de 1810 e 1813 e posteriormente, ao longo dos três meses enquanto residiu na cidade de Roma em 1819. Sublinhamos que Maria Graham por ser uma escritora mulher, logrou um extraordinário feito à época; o de obter duas de suas publicações reeditadas em segundas edições, como demonstrado a seguir:

**Diários de Viagem:** *Journal of a residence in India*. Illustrated by engravings. Edinburg: G. Ramsay and Co., 1812, 2ª Edição, 1813; *Letters on India- With etchings and a map*. London: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1814; *Three months passed in the mountains east of Rome during the year 1819*. London: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1820, 2ª edição, 1821.

**Memórias:** *Memoirs of the Life of Nicholes Poussin*. London, 1820.

### 3 | A ESCRITORA E O CONTEXTO CULTURAL DE SEU TEMPO

Escritores viajantes tinham como modelo ideal de conhecimento, a observação e apreensão do mundo natural, tanto quanto fosse possível. A aproximação imaginária de territórios tão distantes foi possível, a partir do aumento da circulação na Europa, ainda no final do século XVIII, das edições ilustradas dos relatos de viagens. Tais publicações — diários, cartas e livros de memórias — pertencentes ao gênero de Literatura de Viagem, destinavam-se a ser guias para leitores interessados sobre as especificidades naturais e etnográficas dos novos destinos possíveis. Nesse sentido, Belluzzo (2008, pp.3-4) informa que, “muitas dessas edições fizeram parte da cultura do viajante”, e que eles, quando “chegaram ao Brasil nas primeiras décadas do século XIX, poderiam conferir imagens e opiniões, que circularam pela Europa e lhes contrapor fatos da experiência”.

No *Diário de Uma Viagem ao Brasil* (1990), há uma passagem ilustrativa sobre tal questão. Referente a ela, Maria Graham afirma: “se as Histórias dos velhos viajantes sobre a vida no campo dos brasileiros são verdadeiras, a mudança não foi só rápida, mas completa” (1990, p.346). Nessa passagem, a escritora deixou claro para o leitor, que havia lido narrativas de autores viajantes mais antigos e, portanto, podia comparava-as criticamente com o que via na atualidade de seu tempo.

No século XIX, mulheres escritoras, dotadas de densidade literária, tornaram-se audíveis e visíveis. Elas ocuparam lugares anteriormente destinados apenas aos homens nos mercados editoriais. Ganharam presença no universo literário. Com a publicação de *Diários de Viagem*, Maria Graham vivenciou intensamente o contexto cultural que contribuiu para que promissores horizontes comerciais se abrissem sob os novos estilos em ascensão. Do ponto de vista da Inglaterra, esse movimento estava sendo impulsionado por uma perspectiva expansionista, fundamentada em estratégias imperialistas comerciais, políticas e culturais. A procura por livros sobre temas que exaltassem as relações da natureza com a subjetividade do indivíduo foi um indicativo da mudança de mentalidade do público letrado na Europa. Histórias abordando suas fantasias, sonhos, desejos de autoconhecimento, e aventuras extraordinárias à lugares exóticos estimularam a publicação de diários, romances e relatos de viagens. “As novelas, os livros de viagem e as obras sobre História natural tenderam a tomar o lugar dos clássicos nas bibliotecas dos nobres e dos burgueses ricos” (DARNTON, 1992,

p. 206). Em carta à Imperatriz D. Leopoldina, do dia 2 de novembro de 1823, Maria Graham comenta sobre este fenômeno:

Não temos no momento nada de novo na literatura, salvo um pequeno livro de viagens, escrito pelo Capitão Head. Ele fez uma viagem de Buenos Aires ao Chile, pelos pampas e depois pelas montanhas, para visitar as minas de ouro. Há algumas descrições naturais e agradáveis. Nossas livrarias têm uma estranha mania- a de que não se devem publicar livros novos durante o verão. De modo que, salvo as gazetas e jornais periódicos, desde o mês de maio até novembro há mingua de novidades, e depois de novembro até o fim de maio há tantas viagens, romances, histórias e poemas, que ninguém se lembra, na segunda-feira, do que foi publicado no sábado. (GRAHAM, 1990, p53).

A Literatura de Viagem chegou com intensidade ao Oitocentos, e pôs em movimento as emergentes sensibilidades individuais. Caracterizando-se pela ambiguidade de seus textos, Miriam Moreira Leite (1993, p.21), atesta que esta literatura, particulariza-se pela evidência “de um texto manifesto e outro latente”. O texto manifesto, seria aquele em que o viajante narra suas observações objetivas, criando depoimentos explícitos sobre os contextos sociais da terra visitada, nos quais está temporariamente inserido. Já sobre o texto latente, a autora sublinha que “aflora através das indicações biográficas, da profissão, do período, da dedicatória, da temática e da abordagem”. De fato, o texto latente insinua nas entrelinhas, quando percebidos por olhares atentos, as suas submersas significações. A seguir, extraímos exemplos da ambivalência textual na escrita de Maria Graham, características deste gênero literário, como os acima referendados:

Talvez restem ainda demasiadas referências de natureza pessoal, mas o que fica dito é, pelo menos honesto. Se a autora tiver que pagar pessoalmente pela sinceridade sofrerá com satisfação[...]. Trouxe este exemplar de meu diário, com folhas em branco intercaladas, visando dois objetivos: primeiro corrigir a obra, fazendo-lhes úteis informações, e, depois, usá-lo como um jornal de minha segunda viagem ao Brasil. (GRAHAM, 1990, pp.19-400)

Outra característica da Literatura de Viagem, é a preocupação dos viajantes em registrar em desenhos e gravuras, tanto quanto pudessem apreender em suas memórias. Documentaram paisagens, costumes sociais, a etnografia local, a arquitetura, e demais temas que lhes fossem úteis. Maria Graham foi pródiga nos registros iconográficos dos costumes sociais e paisagens brasileiras. A par disso, ela forneceu herborizações para o Dr. William Jackson Homer<sup>3</sup>, à época Diretor do Jardim Botânico de Kew em Londres, e ao longo do último ano em que esteve no Brasil, contribuiu com aquarelas botânicas para a *Flora Brasiliensis*, do naturalista Von

---

3 Willian Jackson Hooker. Botânico inglês. Professor de Glasgow de 1815 a 1839; Diretor do Jardim Botânico de Kew da última data em diante. Deixou uma série de importantes trabalhos sobre botânica sistemática e sobre a Flora em diversos países. LACOMBE, Américo Jacobina 1997, p.113 In: GRAHAM, Maria. *Escorço Biográfico de Dom Pedro I*.1997

Martius.<sup>4</sup> Referente a isso, Américo Jacobina Lacombe notícia que Maria Graham está: “[...] entre os coletores da *Flora Brasiliensis*, com lista de seus trabalhos botânicos e o itinerário de suas herborizações” (1997, p.113). Relativo a estas herborizações e aos seus desenhos botânicos, Maria Graham informa:

Não muito depois de ter instalado minha gente e ter colocado meus livros e minha secretária junto à única janela de vidros da casa, encontrei para mim mesma uma ocupação, para as muitas horas de solidão que previ me aguardarem. Apreciara muito as flores e o esplendor da floresta virgem atrás da minha casa, naturalmente me atraiu. [...] resolvi fazer desenhos de tantas espécies quanto pudesse, obtendo, ao mesmo tempo espécimes secos para o Dr. Hooker, de Glasgow, ainda que não tivesse muitas instalações convenientes, sendo a minha casa muito úmida. (GRAHAM, 1997, p.113)

Os autores viajantes desejavam que no retorno aos seus países de origem, as informações compiladas nos diários e relatos de viagens, pudessem lhes render reconhecimento entre os pares e algum êxito editorial. Os resultados de suas observações eram aguardados nos meios científicos, acadêmicos ou literários. Nessa perspectiva, Belluzzo (2008, p.4) assinala: “os viajantes levaram imagens do Brasil ao horizonte de expectativa do público inglês [...] publicando-as em gravuras, veiculadas em álbuns e livros de viagens”. Condizente a tais objetivos, a própria Maria Graham revela a quem destinava a escrita de seu Diário: “aos meus amigos ingleses, para quem este jornal é escrito” (1990, p.308).

Como exemplo de um dos ofícios dos viajantes, o de documentar iconograficamente a flora e paisagens dos países visitados, há um registro feito em 1824 pelo ex- oficial do Exército Imperial C. Schlichthorst<sup>5</sup>. Nele, o militar narrou o inesperado encontro que teve com Maria Graham, durante um passeio que fizera ao morro de Santa Teresa. Schlichthorst descreveu o momento em que a avistou desenhando a paisagem, imersa na solidão da natureza tropical. O encantamento despertado no grupo e descrito nessa narrativa, faz-nos esboçar um retrato da sensibilidade da escritora, e do próprio autor do texto:

---

4 Carl Friedrich Philipp von Martius foi um médico, botânico, antropólogo e um dos mais importantes pesquisadores alemães que estudou o Brasil, especialmente a região da Amazônia. Foi seguidor da taxonomia de Lineu. Von Martius chegou ao Brasil em 1817, fazendo parte da comitiva da grã-duquesa austríaca Leopoldina. Acompanhado de Johann Baptist von Spix (1781-1826), recebeu da Academia de Ciências da Baviera, o encargo de pesquisar as províncias mais importantes do Brasil e formar coleções botânicas, zoológicas e mineralógicas. Segundo Luciana de Fátima Candido: “A obra *Reise in Brasilien*, organizada por Carl Fr. Ph. von Martius e Johann B. von Spix, constituiu um dos mais importantes relatos de viagem editados sobre o Brasil. Publicada em 3 volumes (1823, 1828, 1831), foi resultado de quase quatro anos de viagem em que Martius e Spix percorreram o interior do Brasil por cerca de 10.000 KM.[...] A monumental *Flora Brasiliensis* (1840-1906), editada por von Martius, August Wilhelm Eichler e Ignatz Urban, também foi fruto dessa viagem” (CANDIDO, p.1). Disponível em: <http://www.bbm.usp.br/node/83>.

5 Segundo Gustavo Barroso, a obra de C. Schlichthorst: “É uma larga descrição da vida social, política e militar do Rio de Janeiro e do Brasil, com um retrospecto dos acontecimentos ligados à Independência, no começo do século, de 1824 a 1826, feita com talento, cultura e bom gosto literário pelo ex-tenente de Granadeiros Alemães do Exército Imperial [...]” (BARROSO, In: SCHLICHTHORST, C. 2000, p.4.).

Junto à fonte, que, por diversos regos entalhados na rocha, cai quase perpendicularmente da montanha, encontramos uma senhora assentada, esboçando a vista do vale e das serras que emolduram. Confesso que escolheu felicíssima posição, pois dali a vista abrange toda a extensão do vale, com estreita faixa da baía ao fundo e a serra dos Órgãos fechando, ao longe, o horizonte. Soube, por uma pessoa que a acompanhava, tratar-se da conhecida Mistress Graham, a quem o mundo das letras deve esplêndido quadro do estado moral e social do Brasil. Acampamos junto ao tanque de água cristalina, de onde sai o Aqueduto, e comemos o farnel que havíamos trazido. Mistress Graham, que ao contrário de suas conterrâneas, era pouco cerimoniosa e muito franca, nos ofereceu do seu chocolate, que bebia num copo e não numa xícara, acontecimento na verdade inaudito na vida de uma inglesa. Não era mais nova, nem bela, porém sua amabilidade natural conquistou todos os corações. Quando, após algumas horas de descanso, continuamos nosso caminho, nos despedimos da excelente senhora, levando a boa impressão que sempre se tem ao encontrar inesperadamente uma pessoa interessante, quer nos salões da alta roda, quer na profunda solidão duma natureza silvestre. (SCHLICHTHORST, 2000, p.204-205)

O crescimento da Literatura de Viagem, encontrava-se em sincronismo com as propostas da cosmovisão naturalista a partir das jornadas científicas<sup>6</sup>, seguindo os conceitos de Alexander Von Humbold (1769-1859)<sup>7</sup> e pela ideia da experiência de autoconhecimento, liberdade e progresso intelectual protagonizadas pelo ideal libertário de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Esse estilo literário, alcançou popularidade entre leitores cultos, que inspirados no autor de *O Contrato Social*, puderam associar o fascínio da *Natureza divina da natureza*<sup>8</sup> a leitura de relatos de viagens. Nas páginas de Maria Graham encontramos diversas referências às tendências intelectuais de seu tempo, dentre elas uma menção a Alexander von Humbold. Ao conhecer o jardim botânico na ilha de Tenerife, durante a travessia atlântica em sua primeira viagem para o Brasil, a escritora documentou: “Vimos o jardim botânico, tão louvado por Humbold; mas está em triste desordem. Esteve mesmo por algum tempo abandonado” (1990, p.111).

Mary Del Priore (2012, p.35) assinala que a associação entre paisagem, natureza e estados de espírito, preconizados por filósofos como Rousseau ou Edmund

6 Podemos exemplificar esta tendência no Brasil do século XIX, nas palavras de Ana Maria Belluzzo: “A visão intelectual e reflexiva engendrada por uma cultura simultaneamente artística e científica, anunciada no século XVI, só se desenvolve plenamente com o projeto enciclopédico, vigorando até as primeiras décadas do século XIX. A formação dos cientistas europeus que se deslocaram em expedições científicas pelo território brasileiro desde o século XVIII, é, em linhas gerais, sustentada por, no mínimo, dois modelos científicos baseados em dados da observação visual, com correspondentes concepções de desenho e pintura[...]tema indissociável da experiência do viajante do século XIX é a paisagem.” BELLUZZO, 1996, p.18.)

7 Miriam Moreira Leite cita que “naturalistas e artistas muitas vezes vieram juntos, integrando expedições científicas que, através de viagens de circunavegação e roteiros mais delimitados, seguiram as pegadas e a orientação de Humbold (1789-1859). Quase todos vieram por recomendação ou estímulo do autor do Cosmos, cuja preocupação com as ciências naturais, abrangia os habitantes dos territórios percorridos e as línguas antigas e modernas que falavam”. (LEITE, 1997, p.18.)

8 Rousseau defendia que o “estado de natureza divina da natureza” seria a condição libertária inata do homem. Sobre o conceito de liberdade humana sustentado pelo filósofo, Luís SaHD interpretou que “O homem realmente livre faz tudo que lhe agrada e convém, basta apenas deter os meios e adquirir força suficiente para realizar os seus desejos”. (SAHD, 2005, p.101)

Burke, inspirou toda uma geração artistas. Poetas, pintores, escritores e músicos, ali encontraram terreno fértil para expressar seus mais profundos estados de melancolia. Nas palavras da autora: “Melancolia: uma indisposição da alma à qual inúmeros homens e mulheres foram confrontados. Artistas e escritores europeus dela deixaram sua descrição”. Ainda sobre o tema, Priore informa: “[...] nessa época, em que o romantismo fazia sua aparição, uma linha de pensadores associava a paisagem e a natureza aos estados d’alma”. Continuando, a autora reforça: “[...] A contemplação de cascatas, florestas e rios era incentivada. Tais formas da natureza eram consideradas exemplos sublimes, capazes de criar um sentimento melancólico muito poderoso”. E para complementar, esclarece: “Por exemplo, a “*beleza triste*” de uma noite de luar, anunciando o repouso e a morte, deveria ser também momentos de meditação e isolamento” (2012, p.35). Encontramos alusões aos temas que relacionam melancolia à natureza, na escrita de Maria Graham, como a citação a seguir:

Não estou certa se é preferível a um claustro ou uma prisão dominar um belo panorama a não ter nenhum; se a contemplação de uma bela cena é, ela própria um prazer bastante para minorar a prisão; ou se não aumenta a angústia pela liberdade, da mesma maneira que uma bela melodia recordada desperta uma nostalgia, até a morte, pela casa em que foi ouvida pela última vez; parece-me que se um dia for prisioneira, quebrarei toda ligação com a liberdade e pouparei a meus olhos olhar para onde meus membros não me podem transportar. (GRAHAM, 1990, p.358)

A natureza nostálgica e a apreensão do ser individual, solitário... estas seriam enfim, as licenças poéticas libertadoras das vozes interiores e melancólicas da escrita de si, na Literatura de Viagem. Maria Graham delas muito se utilizou, colorindo com esmaecida palheta outonal, as narrativas autobiográficas em sua escrita. Ao longo da leitura da fonte, serão frequentes as menções da autora aos seus inconstantes e melancólicos estados de espírito, como veremos a seguir:

[...]A falta de saúde, entretanto, e, às vezes, a falta de disposição, impediram a autora de utilizar-se e todos os meios que podiam ter sido postos ao seu alcance para aperfeiçoar seus conhecimentos. [...]e que o Diário, cuja composição a entreteve em muitas horas de solidão e tristeza, não traga aborrecimento algum a quem quer que seja [...]. Não estive bem outra vez- mas acho que ficar em casa não me cura. Por isso, tanto ontem como hoje, fui à biblioteca, onde um pequeno gabinete agradável e fresco me foi destinado; qualquer livro que peço me é ali trazido, e ali tenho pena, tinta e papel à mão para tomar notas. Isto é uma gentileza e uma atenção a uma mulher, e estrangeira, para a qual não estava preparada. (GRAHAM, 1990, pp.21-359)

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, evidenciamos ao longo das reflexões expostas, a mentalidade curiosa e crítica da autora, quanto à concepção de uma escrita polissêmica. As

plurais narrativas de Maria Graham, tecem tramas, onde a escrita de si, reveladora, individualizada, mescla-se ao olhar aguçado da escritora sobre questões sócio-político-culturais do Brasil nas primeiras décadas do século XIX, deixando transparecer ao leitor, a multiplicidade de intenções coexistentes em seu texto. Ao mesclar a realidade cotidiana na qual se encontrava, ao vasto acervo de sua formação intelectual, a autora salientou a originalidade da sua elaboração textual. Nesse sentido, Maria Graham simboliza um exemplo bem-sucedido de escritora Oitocentista. A autora, num constante esforço em dar voz autoral às suas palavras, esteve na contramão do discurso em voga desde o século XVIII, que naturalizou a invisibilidade da mulher, deslocando a sua representatividade para alguém do universo da cultura. Ao contrário disso, Maria Graham escreveu e editou a totalidade de suas obras afirmando sua identidade feminina enquanto escritora e viajante, e legou com ineditismo, por tratar-se de uma mulher, páginas de grande relevância para os estudiosos da História Social e Cultural dos controversos anos da Independência do Brasil.

## 5 | FONTES PRIMÁRIAS

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.  
\_\_\_\_\_. *Esborço Biográfico de Dom Pedro I*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

## REFERÊNCIAS

- BARROSO, Gustavo. In: SCHLICHTHORST, C. *O Rio de Janeiro como é. (1824-1826)*. Brasília: Senado Federal, 2000.
- BELLUZZO, Ana Maria. *O Brasil dos Viajantes*. São Paulo: Metalivros, 1994.
- \_\_\_\_\_. O Viajante e a paisagem brasileira. *Revista Porto Alegre*: Porto Alegre, v.15, nº25, novembro/2008.
- CANDIDO, Luciana de Fátima. *Carl Fr. Ph. Von Martius: estudo e registro da flora brasileira*. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <http://www.bbm.usp.br/node/83>. Acesso em 20/01/2019.
- DARTON, Robert. Histórias da Leitura. In: Burke, Peter. (Org.) *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- LACOMBE, Américo Jacobina. (Trad.) In: GRAHAM, Maria. *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Leopoldina e Cartas Anexas*. Belo Horizonte: Itatiaia 1997.
- LEITE, Miriam Moreira. *A condição feminina no Rio de Janeiro- Século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Livros de Viagem-1803-1900*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- PRIORE, Mary Del. *A Carne e o Sangue*. Rio de Janeiro: ROCCO, 2012.
- RÉMOND, René. *Introdução à História de nosso tempo: Século XIX-1815-1914.V.2*. São Paulo:

Editora Cultrix, 1974.

SAHD, Luís. A noção de liberdade no Emílio de Rousseau. *Revista de Filosofia/UNESP* V.28 n.1, 2005.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Administração da Justiça 179, 180, 183

África Austral 202, 203, 204, 209, 210, 211

Africanos 47, 49, 51, 122, 134, 135, 162, 163, 164, 166, 173, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 203, 207, 208, 209, 210

Alienação Parental 77, 78, 79, 80, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89

América Latina 1, 8, 9, 11, 14, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 127, 128, 129, 137, 155

Anticomunismo 153, 155, 156

Ascensão Social 33

Assistência 145, 147, 151, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 197, 206

### B

Base Curricular 101, 104, 108

Brasil Colônia 126, 129, 130, 138, 212

### C

Colônia de Moçambique 179

Constituição Federal 65, 66, 70, 71, 72, 73, 75, 106

Cotidiano Escolar 112, 113, 116, 117

Cultura 8, 9, 19, 22, 23, 25, 38, 44, 48, 51, 62, 76, 79, 81, 90, 91, 94, 95, 96, 100, 106, 110, 111, 112, 113, 117, 118, 121, 122, 123, 125, 129, 130, 135, 138, 169, 177, 178, 181, 182, 183, 201

### D

Deslocamentos forçados 202, 203, 206, 207, 209, 210

Diálogos Contemporâneos 15, 26, 40, 54, 65, 77, 90, 101, 112, 118, 126, 139, 153, 162, 170, 179, 191, 202, 212

Diocese 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Dom João da Mata 191, 192, 194, 199, 200, 201

### E

Educação 33, 34, 36, 42, 47, 51, 67, 91, 96, 100, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 115, 117, 126, 128, 129, 130, 131, 134, 137, 138, 142, 148, 152, 161, 173, 174, 177, 178, 181, 182, 189, 194, 199, 204, 209

Educação Superior 33, 106, 110, 126

Escravidão 71, 118

Estado 2, 23, 29, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 47, 48, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 88, 102, 103, 112, 128, 129, 131, 135, 143, 147, 148, 149, 151, 156, 157, 158, 160, 169, 174, 179, 180, 182, 183, 188, 192, 196, 197, 201

Estereótipos 118, 121, 123, 124, 125, 207

Extrema-Direita 153, 155

## F

Família Contemporânea 77, 78, 79

Fontes 15, 16, 17, 18, 25, 38, 39, 64, 100, 124, 151, 153, 156, 160, 162, 177, 178, 183, 185, 187, 189, 201

Formação Médica 139

## G

Gênero 7, 8, 10, 19, 20, 28, 39, 64, 86, 92, 94, 144, 175, 179, 184, 185, 187, 188, 189, 202, 204, 205, 206, 209, 210

## H

História da psiquiatria 149, 151

## I

Identidade 5, 8, 9, 10, 12, 25, 54, 55, 60, 63, 64, 78, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 106, 113, 153

Ideologia 43, 72, 78, 79, 88, 110, 136, 153, 156, 158, 173

Igualdade Racial 112

Infância 1, 56, 148, 158, 170, 172, 176, 177, 178

## J

Jean-Jacques Rousseau 23, 65, 66, 67, 68, 70, 73, 74

## L

Literatura 1, 2, 3, 13, 15, 18, 19, 20, 23, 24, 26, 27, 36, 39, 42, 45, 54, 63, 68, 96, 100

## M

Manaus 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Manoel Bomfim 40, 41, 42, 43, 45, 50, 51, 52

Manuel de Oliveira Lima 40, 41, 43, 45, 50, 52

Maria Graham 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25

Matrizes Afro-brasileiras 112, 114

Migrações 202, 206, 208, 209, 210, 211

Mulher viajante 15

## N

Narrativa 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 13, 15, 22, 35, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 100, 118, 122, 123, 132, 156, 157, 158

Neoliberalismo 101, 102, 103, 110, 155

## O

Oralidade 1, 3, 5, 6, 7, 13, 14, 91, 93

## P

Paul Ricoeur 54, 63, 64

Poder 4, 6, 8, 13, 14, 16, 32, 49, 60, 65, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 78, 85, 88, 99, 102, 103, 109, 115, 127, 131, 135, 137, 140, 146, 156, 157, 176, 179, 184, 187, 188, 192, 196, 209

Práticas Fúnebres 162

## R

Relatos memoriais 1

## S

Santa Casa de Misericórdia 170, 172, 174, 176, 177, 178

Santo Antonio de Jacutinga 162, 165, 166, 167, 168

Século XIX 25

Século XX 139

Sociedade 12, 14, 29, 33, 37, 41, 42, 48, 67, 68, 69, 70, 76, 81, 91, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 103, 105, 109, 110, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 135, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 167, 170, 171, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 212

## T

Teoria da História 8, 26, 189

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**